
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

OFID. MET. IV.

QUARTA FEIRA 11 DE AGOSTO DE 1830.

BATHMENDI. *Continuação do N.º 17, pag. 198.*

Bekir tinha chegado ao campo dos Persas: elle se apresenta ao Grão-Visir, e pedê servir no corpo mais exposto. Sua figura, e sua boa vontade agradão ao Visir, que o admitte em um regimento de cavallaria. Poucos dias depois se dá uma batalha: ella foi sanguinolenta: Bekir fez prodigiõs, salvou a vida ao seu general; e matou por suas proprias mãos o dos inimigos. Tudo retine com os louvores de Bekir: todos os soldadõs o chamão-o heroe da Persia: e o Visir reconhecido elevou seu libertador ao posto de Official-General. “ *Alzim* tinha razão, ,, dizia Bekir consigo mesmo: “ é aqui que me esperava a fortuna: tudo me anuncia que eu vou encontrar *Bathmendi*. ”

A gloria de Bekir, e sobre tudo sua elevação, excitarão a inveja e murmuriõs de todos os Satrapas. Uns vithão perguntar-lhe noticias de seu pai, queixando-se de terem ficado comprehendidos em sua quebra: outros pertendião que sua mãe fõra sua escrava: todos recusa-

vão servir ás ordens d'elle, porque erão mais antigos. *Bekir*, desgraçado por suas mesmas fortunas, vivia só, com toda a cautella, a ponto sempre de receber um ultrage, que elle poderia vingar, mas que não podia prevenir. Suspirava pelo tempo, em que era simples soldado, e esperava com impaciencia o fim da guerra, quando os Turcos, reforçados por novas tropas, e commandados por um novo general, viérão atacar a divisão, commandada por *Bekir*.

Era a occasião, que há longo tempo esperavão os Satrapas do exercito: elles empregarão mais habilidade cem vezes em fazer bater seu chefe, que tinham mostrado toda a sua vida para não serem batidos. *Bekir* se defendia como um leão: mas, nem era obedecido, nem ajudado. Debalde os soldados Persas quizérão resistir: seus officiaes os retinhão, e só os guiavão na fugida. O bravo *Bekir*, abandonado, coberto de feridas, acabrunhado pelo numero, ficou prisioneiro dos Janisaros. O general Turco teve toda a indignidade de o fazer carregar de cadêas logo que elle pôde com ellas, e o mandou para Constantinopla, onde foi metido em uma cruel prizão. “ Ah! ” exclamou elle: “ eu principio a crer que *Alzim* me enganou; porque eu não posso esperar achar aqui *Bathmendi*. ”

A guerra durou quinze annos, e os Satrapas embarcárão sempre a troca de *Bekir*. Sua prizão só se abriu na paz: elle correo bem depressa a *Ispahan* procurar o Visir, seu protector, a quem tinha salvado a vida. Esteve tres semanas sem poder fallar-lhe: no fim d'este tempo, obteve uma audiencia. Quinze annos de prizão mudão um pouco a figura de um bello mancebo: *Bekir*

não podia ser reconhecido : assim o Visir não o reconheceu. Entretanto , á força de se lembrar das differentes épocas de sua gloriosa vida , lembrou-se com effeito que *Bekir* lhe tinha feito um pequeno serviço. “ Sim , sim , ” lhe diz elle : “ eu me lembro : vós sóis um ómem famoso ; mas , o Estado está sobrecarregado : *uma longa guerra , e grandes festas esgotarão o nosso thesouro* : entretanto , vinde vêr-me outra vêz ; eu verei , eu procurarei... Ah ! Senhor ! eu não tenho pão ; e há quinze dias que espero o momento de fallar a vossa Grandeza : teria morrido de miseria , a não ser um soldado da guarda , meu antigo camarada , que repartio comigo os seus soldos. — Que bello soldado ! ” responde o Visir : “ como pois ! Isto é tocante : eu darei parte ao rei. Voltai a vêr-me : vós sabeis que eu vos amo... ” Dizendo estas palavras , lhe voltou as costas. *Bekir* voltou no dia seguinte , e achou a porta fechada. Desesperado , sahio do palacio , e da cidade , resoluta a nunca mais lá entrar.

Elle se deixou cahir aos pés de uma arvore , ás bordas do rio *Zenderon* : ahi elle reflecte na ingratição dos Visires , em todas as desgraças , que tinha soffrido , nas que o ameaçavão ainda : e não podendo mais supportar estas tristes idéas , levanta-se para se precipitar no rio... mas , elle se sente abraçar por um mendigo , que cobria seu rosto de lagrimas , e exclamava , suspirando : “ E’ meu irmão ! E’ meu irmão *Bekir* ! ” , *Bekir* olha , e reconhece *Mesrou*.

Todo o ómem sem duvida tem prazer em achar um irmão , que perdeu há longo tempo ; mas , um desgraçado , sem recursos , sem amigos , e que desesperado váe dar fim a seus dias , achando um irmão , julga vêr um anjo

do ceo. Foi o sentimento, que ao mesmo tempo tivérão *Bekir* e *Mesrou*. Elles se abração; elles confundem suas lagrimas; e depois dos primeiros momentos dados á ternura, se ollhão surprezos e afflictos. “ E’s tu, pois, tambem desgraçado? „ Diz *Bekir*. — “ Eis aqui „ lhe respondeo *Mesrou*, o primeiro instante de felicidade, de que tenho gosado, desde que nos separámos. „ A estas palavras, os dous infelizes se abração de novo; encostão-se um ao outro; e *Mesrou*, sentado junto a *Bekir*, começou assim a sua historia.

“ Tu te lembrás d’esse dia fatal, em que nós fomos a caza de *Alzim*: Este perfido genio me disse que eu poderia achar na côrte esse *Bathmendî*, que nós tanto desejavamos encontrar. Eu segui seu funesto conselho, e bem depressa cheguei a *Ispahan*. Eu tomei conhecimento com uma joven escrava, que pertencia á amada do primeiro secretario do Grão-Vizir. Esta escrava me amou, e me fez conhecer sua senhora, que achando-me mais moço, e mais bem feito que seu amante, me dêo um quarto em sua caza, fazendo-me passar por seu irmão. Em poucos dias o irmão fôï apresentado ao Visir: alguns dias depois obtive um emprego no palácio.

“ Eu nada mais tinha a fazer que a deixar-me ir, e sobretudo a lembrar-me do caminho, que até alli me tinha guiado. Eu não deixei este caminho; e como a Sultana mãe era velha, feia, e omnipotente, eu não deixei de lhe fazer a minha côrte com toda a assiduidade. Ella me distinguio, e me teve uma tão intima amizade, como tinha sido a da escrava, e de sua senhora. D’este momento, principiárão a chover sobre mim as honras, e as riquezas. A Sultana me fazia dar pelo *Sophi* todo o

dinheiro do thesouro, e todas as dignidades do Estado. O proprio monarcha me teve amizade : elle gostava de conversar comigo, porque eu o lisonjeava com destreza, e lhe aconselhava sempre o que elle tinha vontade de fazer. Era a maneira de o obrigar a fazer o que eu quizesse, o que com effeito aconteceu. No fim de tres annos eu me vi ao mesmo tempo primeiro ministro, favorito do rei, amante de sua mãe, senhor de nomear e demittir os Visires, decidindo tudo pelo meu credito, e recebendo todas as manhãs todos os grandes do imperio, que não esperam que eu acordasse, para obter um sorriso de protecção.

“No meio de minha gloria, e de minha fortuna, eu me admirava de não achar *Bathmendi*, que eu tanto procurava. — Nada me falta, dizia eu ; porque me falta *Bathmendi* ? — Esta idéa, e os cruéis encommodos, em que se passava a minha vida, envenenavão todos os meus prazeres. Quanto mais a Sultana envelhecia, mais exigia de mim, e mais o meu reconhecimento se tornava penoso : a ternura, que ella sentia por mim, era o meu supplicio. Erão transportes, ralhos, exprobações de ingratição, e por fim lagrimas e caricias com vezes peores que os furores. Por outra parte, meu lugar me dava mil enfadonhos cortezãos, e com mil inimigos poderosos. A cada favor, que eu concedia, uma só boca me agradecia, e mil me maldizião. Os generaes, que eu nomeava, erão batidos ; e as culpas recahião sobre mim. O bem, que o rei fazia, pertencia a elle só ; o mal, a mim. O povo me detestava ; a côrte me aborrecia ; com libellos se conspiravão contra mim ; meu senhor se agoniava algumas vezes comigo ; a Sultana mãe me fatigava sempre, e Ba-

thmendi parecia ter-se apartado de mim para sempre. (*)

“ A paixão do rei por uma joven Mingreliana veio pôr o cumulo a meus infortunios. Toda a côrte se voltou para este lado, na esperança do que a amada expulsaria o ministro. Eu parei o golpe, ligando-me á Mingreliana, e lisonjeando o amor do rei. Mas, este amor se tornou tão violento, que o monarca, decidido a casar, me pediu o meu parecer. Eu tergiversei alguns dias. A Sultana mãe, que receou perder seu credito, vendo casar seu filho, veio declarar-me que se eu não rompesse este hymeneo, me faria assassinar no mesmo dia da cerimonia. Uma hora depois, a Mingreliana veio jurar-me que se eu a não fizesse casar com o rei no dia seguinte, eu seria estrangulado no outro. A minha posição era difficil; era necessario escolher o punhal, a corda, ou a fugida: tomei este ultimo partido. Eu me disfarcei, como vês, e me escapei do palacio com alguns diamantes em minhas algibeiras, que me farão viver contigo em um canto do Indostão, longe das Sultanas mães, das Mingrelianas, e da côrte.”

Depois d'esta narração, *Bekir* contou suas aventuras a *Mesrou*. Elles concordarão ambos que terião feito igualmente bem, se não tivessem corrido o mundo; e que o melhor partido era voltar para *Konsistan* para junto de seu irmão *Tai*, onde os diamantes de *Mesrou* lhes procurarião uma vida doce e agradavel. Depois d'esta resolução, elles se pozérão a caminho, e andárão muitos dias sem aventuras,

Continuár-se-há.

(*) O que lisonjeiro quadro! Porque não seremos nós todos cortezãos?

DO TRADUCTOR.



SATIRA. (*)

Dize porque motivo , amigo Abbade ;
 Julga só ter juizo quem tem menos ;
 E que todos os doudos só receiptão
 Para o vesinho — o hospital dos doudos ?

Um pedante , que cheio de vaidade ,
 De saber algum Grego já se ufana ;
 Que nos seus cascos tem amontoado
 De authores mil palavra por palavra ;
 E que julga que sem certo livrinho ,
 Sem *Aristoteles* , a razão vacilla ,
 Assaz sua toleima tem mostrado.

Vemos o namorado petimetre ,
 Cujó officio é sómente andar correndo
 O dia inteiro as ruas da cidade ,
 E armado de loura cabelleira ,
 Cançar a todos com ternuras frias ,
 Que censura escritores , e pragueja
 Contra o saber , julgando que a tolice

(*) Esta , que é a quarta Satira , que apparece nas obras de *Boileau Despréaux* , foi composta no anno de 1664. O author projecto fazella em uma conversação , que teve com o abbade *Le Vayer* e *Molière* , na qual se propou por diversos exemplos que todos os ómens são necios , e que com tudo cada um se julga só ser sabio. Esta proposição faz o objecto d'esta Satira.

E' n'elle engenho, (pois que do bom gosto
Cuida ser o mais justo predicado,)
Audaz mandando os doutos p'ra escola.

O beato, que com fingido zêlo,
Julga que ao mesmo Deos enganar póde,
Cobre c'o a hypocrisia os seus defeitos,
Dos outros ómens as acções reprova.

Sem fé, sem alma, vê-se o libertino
No prazer buscar a lei; que o rege;
Affirma que o inferno, e que os diabos
São planos velhos, que servir só podem
Para aterrar mulheres, ou crianças;
E quem com vãos cuidados se embarassa,
Ou é devoto, formalmente é doudo.

Descrever tantos modos differentes;
Com que pensão os ómens, é difficil:
Contar quantas pessoas tem matado;
O *antimonio*, (1) e *Guenaud*, que a tudo o applica;
Mais facil nos seria; e mesmo as vezes
Que *Madame Neveu* (2) a virgindade,
Antes de se casar, vendeo ao povo.
Mas, sem do meu intento desviar-me,
Vou em verso exprimir minhas idéas.

(*) A disputa entre os medicos sobre o *antimonio* tinha então tomado calor; e *Guenaud*, medico da rainha, era o primeiro, que approvava o uso d'este mineral.

(2) Celebre meretriz extremamente diffamada, a qual já havia morrido antes da composição d'esta Satira.

Oxalá não se offendão esses loucos,
 Esses sabios da Grecia, assim chamados!
 “ Não há sabedoria n'este mundo,
 “ Que perfeita se chame,, : os ómens todos,
 Nescios apezar seu, em si differem,
 Sómente porque são ou mais ou menos.
 Bem como os viajantes, que sem guia,
 Vão da real estrada se apartando,
 Seguindo cada um seus varios rumos,
 E errando todos por diversos modos;
 Assim levado o ómem pelo erro,
 Váe na vereda incerta proseguindo;
 E sendo mais que todos insensato,
 Sabio se julga, chama os outros loucos;
 E por fim, illudido, só deseja
 Em bom senso erigir sua loucura,
 E no vicio fundar sua virtude.
 Quem quizer conhecer-se, aprender deve
 Que é mais sabio o que menos julga a sêllo;
 Que os outros desculpando, s'instite
 Das suas proprias acções censor severo;
 E rendendo justiça a seus defeitos,
 Faz de seus vícios um processo exacto:
 Mas tal nunca acontece! E' sempre o ómem
 Indulgente juiz das acções suas.

O avarento, qu' idolatra o curo,
 Qu'encontra n'abundancia a caveia,
 Thesouros ajuntando, onde só acha
 Seu prazer, sua gloria, alegre vendo,
 (Sem jámais os gastar,) que mais se augmentão;
 Chama rara prudencia esta loucura.

Reprova sem cessar tal desvario
 Outro, não menos falto de juizo ;
 Que cercado de mil desfructadores ,
 Com elles tudo gasta sempre afflicto ,
 Em quanto recheada tem a bolça :
 Mas em fim , d'estes dous qual é mais louco ?

Ambos o são , diz logo o fidalgo ,
 Que nas cazas de jogo passa o tempo ,
 E fazendo do jogo o seu estudo ,
 A sorte espera de um quatorze ou sete ,
 E do copo dos dados morte ou vida.
 Pois se a varia Fortuna o perseguindo ,
 Por um lance fatal lhe muda a sorte :
 Vêllo-heis como logo , s'erichando
 Os cabellos , c'os olhos regalados ,
 Qual possesso , que soffre o exorcismo ,
 Contra todos os santos vocifera ;
 E se não o acodem , furioso
 Este novo Titan os ceos escala.

A seu capricho entregue este deixemos ,
 Pois a sua mania assaz o pune ;
 Queros há , cujo nectar venenoso
 Embriaga a razão com mais encantos.

Um , que tem de poeta a louca balda ,
 Que d'epithetos enche os duros versos ,
 Até pelos meniaos apupados ,
 Mas por elle applaudidos , bem tranquillo
 Acima de *Virgilio* ao Pindo vôa :
 Mas , se alguem , por desgraça ousa mostrar-lhe
 Os defeitos de seus forçados versos ,

Faltos de graça , faltos de energia ;
 As suas expressões desanexadas ,
 Os seus enfeites de murchadas flôres ;
 O dia amaldiçôa , em que a sua alma
 A mania perdeu , que a deleitava.

Como certo devoto , aliás sensato ;
 Que d'um celebre mal foi atacado ,
 Pois , sem cessar , cuidava ouvir os hymnos ;
 Que os bem-aventurados entoavão ;
 Então certo Galeno , assaz perito ,
 Pela arte o curando , ou pelo acaso ;
 E querendo exigir do seu trabalho
 A justa recompensa , enraivecido
 Lhe responde o devoto , que não paga
 A quem seu desvario curar pôde ,
 Porqu' assim o priva do paraizo.

Approvo o seu pensar , pois reconheço
 Na razão o peor dos nossos males :
 E' ella , que feroz entre os prazeres ,
 Nossos gosos perturba com remorsos.
 Rigorosa em extremo , qual pedante ,
 Sempre os nossos ouvidos atormenta ;
 Sempre nos reprehende , e sem mover-nos ,
 Como um bom prégador (1) perde o seu tempo ,
 Embora alguns nos digão que é rainha ,

(1) Allude o Author a Mr. Joli , famoso prégador ,
 extremamente tocante e pathetico , mas , que tal era a
 depravação do povo , que não attendia aos seus sabios
 sermões.

E dos nossos sentidos soberana :
 Embora como deosa a idolatrem :
 D'ella esperando a summa f'licidade ;
 Dizem que a bem viver ella nos guia :
 Tem seu lugar n'um livro taes doutrinas ;
 D'ellas eu gosto , mas eu bem conheço
 Que o mais estulto é sempre o mais contente.

Traducção de F. J. P. GUIMARAENS , Estudante do 3.º anno do Curso Juridico.



MAXIMAS E PENSAMENTOS.

Os desgraçados dirigem seus pensamentos sempre para o lado , que pôde mais augmentar suas penas.

M.me De Tencin.

A justiça é um dever ; a bondade é uma virtude.

M.me De Beauharnais.

Pôde-se dizer que os crimes e os erros todos são o sacrificio do futuro ao presente ; e todas as virtudes o sacrificio do presente ao futuro.

M.me Necker.

O glorioso titulo de ómem de bem não está sujeito á usurpação.

M.me De Genlis.